

Como as guerras civis começam

Barbara F. Walter

Como as guerras civis começam

E como impedi-las

Tradução:
Berilo Vargas



Copyright © 2022 by Barbara F. Walter
Originalmente publicado por Crown, New York, em 2022.
Publicado mediante acordo com Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra
Bruna Agencia Literaria, sL

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

How Civil Wars Start : And How to Stop Them

Capa

Bloco Gráfico

Imagem de capa

Desenho sujo, de Marcius Galan, 2020,
borracha sobre placa de corte e grafite, 22 × 30 × 4 cm.

Preparação

Diogo Henriques

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Julian F. Guimarães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walter, Barbara F.

Como as guerras civis começam : E como impedi-las / Barbara F. Walter ;
tradução Berilo Vargas. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2022.

Título original: How Civil Wars Start : And How to Stop Them.

ISBN 978-65-5979-077-7

1. Democratização 2. Guerra civil 3. Terrorismo I. Título.

22-114828

CDD: 303.64

Índice para catálogo sistemático:

I. Guerra civil : Sociologia 303.64

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

Para Zoli e Lina

Sumário

Introdução 9

1. O perigo da anocracia 21

2. O avanço das facções 48

3. As consequências sombrias da perda de status 81

4. Quando a esperança morre 103

5. O acelerador 129

6. Já estamos perto? 159

7. Como seria uma guerra 195

8. Como impedir uma nova guerra civil americana 232

Agradecimentos 269

Notas 273

Índice remissivo 306

Introdução

ADAM FOX LEVANTOU O TAPETE e abriu o alçapão que conduzia ao subsolo da loja Vac Shack Vacuums, em Grand Rapids, Michigan.¹ O homem de 37 anos passara a viver embaixo da loja com seus dois cães depois de ter sido expulso de casa pela namorada. O dono do estabelecimento, um amigo, lhe oferecera o espaço até que se recuperasse.

O cômodo era um amontoado de armários, caixas para transporte de cachorros e peças de aspirador de pó. Fox era um homem frustrado — e não só por ser praticamente um sem-teto. Não era a primeira vez que passava por dificuldades. Depois de completar o ensino médio, tentara encontrar um rumo trabalhando como fornecedor para a Vac Shack, mal conseguindo pagar as contas. Vivia furioso com os líderes democratas por permitirem que isso acontecesse; para dar vazão à raiva, tuitava com frequência sobre Barack Obama e Nancy Pelosi. Nos últimos tempos, conseguira encontrar um ambiente de camaradagem ao ingressar numa milícia local, mas acabara expulso por suas lenga-lengas contra o governo e discussões violentas com outros membros.

A covid-19 se propagava. Tinha atingido Detroit e Grand Rapids com tanta violência que em 23 de março de 2020 a governadora do Michigan, Gretchen Whitmer, decretara um lockdown.² A ordem para as pessoas ficarem em casa estendia-se

até as áreas rurais, onde havia poucos casos. No fim de abril — depois de outra série de restrições —, Fox pusera um boné de beisebol na cabeça e vestira um colete tático para se juntar a centenas de manifestantes, muitos deles armados, numa marcha até a sede do Legislativo em Lansing.³ Do lado de fora, ouvira Mike Detmer, candidato republicano ao Congresso, condenar as restrições, que julgava antiamericanas. “Estamos numa guerra em defesa do coração, da alma, das tradições e da liberdade do nosso estado e do nosso país”, declarara Detmer. “Cabe a nós acabar com esta paralisação.”⁴ Em seguida, quando os manifestantes forçaram a entrada no prédio do Legislativo para ocupar o plenário da Câmara dos Representantes, Fox foi junto.

Mas nada disso mudara coisa alguma, e com o passar das semanas Fox foi ficando inquieto. Naquele mês de junho, ele tinha feito uma transmissão ao vivo pelo Facebook na qual se queixava do fechamento recente das academias de ginástica e afirmara que Whitmer era uma “vaca tirana” que amava o poder.⁵ “Não sei, não, rapazes. Precisamos fazer alguma coisa”, disse ele, dirigindo-se à câmera. Logo depois, falou pelo Facebook com Joseph Morrison, líder de uma milícia local, a Wolverine Watchmen.⁶ Morrison teria concordado em ajudá-lo a recrutar, treinar e armar um novo grupo paramilitar. Fox não demorou a atrair outros homens para a sua causa. Um dos que aderiram foi um fuzileiro naval aposentado que recebera a Medalha de Serviço Humanitário, a Medalha Expedicionária da Guerra Global contra o Terrorismo e a Medalha de Boa Conduta do Corpo dos Fuzileiros Navais. Outro tinha iniciado um treinamento básico com a Guarda Nacional do Michigan, mas sem ir até o fim. Outro era filiado ao grupo miliciano

Three Percenters; outro apoiava o QAnon; outro era seguidor dos Proud Boys nas redes sociais.

Eram catorze, ao todo. Vários, como Fox, haviam participado de comícios contra o *lockdown*. Eles começaram a se reunir no porão da Vac Shack, onde Fox confiscava celulares para que ninguém gravasse as conversas. Reuniam-se também numa propriedade rural de 4 mil metros quadrados pertencente a Morrison, para treinamento tático e prática de tiro. Nas tardes de domingo, disparavam centenas de tiros e aprendiam a fabricar explosivos.

Pensaram na possibilidade de invadir a sede do Legislativo estadual — podiam tomar os legisladores como reféns e executá-los ao longo dos dias seguintes. Também pensaram em trancar as portas do prédio e atear fogo com todo mundo dentro. Por fim, levando em conta que o capitólio era muito bem protegido, mudaram de plano: sequestrariam Whitmer em sua casa de veraneio no norte do Michigan em algum momento antes da eleição de novembro de 2020.⁷ Depois a levariam para um lugar secreto em Wisconsin, a julgariam por traição e a matariam.

Ao longo dos meses de agosto e setembro, os homens vigiaram a casa da governadora, à procura de uma ponte próxima que pudessem detonar para desviar a atenção dos policiais enquanto executavam seu plano.⁸ Mas o FBI já estava atrás deles. Após descobrirem a atividade do grupo nas redes sociais, no começo de 2020, agentes tinham se infiltrado no grupo on-line e recrutado informantes, que concordaram em usar escutas ou passar informações. Em setembro, apesar das precauções de Fox, o FBI tinha juntado mais de 13 mil páginas de mensagens de texto codificadas, bem como fotos, vídeos e mais de cem

horas de áudio como prova de conspiração. Na noite de 7 de outubro de 2020, os agentes federais prepararam uma armadilha: quando alguns dos conspiradores se reuniram para o que supunham ser uma compra de armas, acabaram presos. O FBI invadiu o porão da Vac Shack e executou mandados de busca e apreensão em mais de dez lugares. Os catorze homens, incluindo Fox, foram acusados de terrorismo, conspiração e posse de armas.⁹ O dono da Vac Shack não conseguia acreditar. “Eu sabia que ele fazia parte de uma milícia”, disse aos jornalistas, “mas há muita gente nas milícias que não conspira para sequestrar a governadora. Quer dizer, é uma loucura...”¹⁰

No rastro das prisões, o noticiário concentrou-se nos verdadeiros objetivos dos aspirantes a sequestradores. Ainda que líderes políticos do Michigan, tanto democratas como republicanos, tenham condenado o complô, o presidente Donald Trump criticou Whitmer, dizendo num tuíte que ela tinha “feito um péssimo trabalho” como governadora.¹¹ O próprio Fox, no entanto, não deixou dúvida sobre a motivação do grupo. O julgamento e a execução de Whitmer, explicou ele em conversas gravadas pelo FBI, serviriam para inspirar outras pessoas a fazerem ataques parecidos. Tinha chegado a hora da revolução, e ele e seus homens provocariam um colapso social. “Eu só quero ver o mundo ardendo, cara”, disse ele ao informante. “É o que vai ser preciso fazer para tomá-lo de volta.”¹²

QUANDO LI PELA PRIMEIRA VEZ sobre o complô para sequestrar Whitmer no outono de 2020, fiquei assustada, mas nem um pouco surpresa. Era compatível com um padrão sobre o qual eu vinha escrevendo e pensando havia décadas. Centenas

de guerras civis aconteceram nos últimos 75 anos, e muitas começaram de forma estranhamente parecida. Como acadêmica e especialista em guerras civis, entrevistei membros do Hamas na Cisjordânia, ex-membros do Sinn Féin na Irlanda do Norte e ex-membros das Farc na Colômbia. Estive no alto das Colinas do Golã olhando para a Síria no auge da guerra civil no país. Viajei de carro pelo Zimbábue enquanto os militares planejavam o golpe contra Robert Mugabe. Fui seguida e interrogada por membros da junta de Myanmar. Estive na mira da metralhadora de um soldado israelense.

Comecei a estudar guerras civis em 1990, e naquela época havia poucos dados com os quais trabalhar. Podia-se ler um monte de livros de especialistas sobre guerras civis na Espanha, na Grécia, na Nigéria e até mesmo nos Estados Unidos do século XIX, mas quase não havia estudos sobre os elementos comuns, que se repetiam em todos os países e ao longo do tempo. Cada um achava que sua guerra civil era única, e por isso ninguém via os fatores de risco que emergiam reiteradamente em qualquer lugar onde a guerra surgisse.

Mas em poucos anos nosso conhecimento ampliou-se. A Guerra Fria terminou, e em todas as partes do globo guerras civis passaram a estourar. Especialistas no mundo inteiro começaram a coletar dados — montanhas de dados — sobre vários aspectos desses conflitos. Hoje, o maior projeto de coleta de dados está sediado na Universidade de Uppsala, na Suécia. Foi montado em colaboração com o Peace Research Institute, de Oslo, na Noruega, e tem sido financiado ao longo dos anos pelo Conselho Sueco de Pesquisa, pela Fundação do Tricentenário do Banco da Suécia, pela Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional, pelo governo norueguês e

pelo Banco Mundial. Pesquisadores meticulosamente treinados trabalham em conjunto com uma rede de especialistas em diferentes países para realizar a coleta de dados. Hoje, qualquer pessoa pode acessar dezenas de *datasets* de alta qualidade (os resultados são checados três vezes) sobre como as guerras civis começam, por quanto tempo se estendem, quantas pessoas morrem durante os conflitos e por que elas lutam. Os especialistas usam esses dados para descobrir padrões e fatores de risco que nos ajudem a prever onde e quando guerras civis têm maior probabilidade de surgir. O que esperar no futuro, levando em conta os padrões vistos no passado? É todo um novo mundo de entendimento.

Em 2010, um artigo publicado no *American Journal of Political Science* chamou minha atenção.¹³ Escrito por uma equipe de acadêmicos, ele apresentava o trabalho da Força-Tarefa de Instabilidade Política, um grupo de pesquisadores formado por acadêmicos e analistas de dados a pedido do governo americano em 1994.¹⁴ Os especialistas da força-tarefa tinham coletado dados sobre guerras civis no mundo inteiro a fim de construir um modelo que pudesse prever onde era mais provável que houvesse instabilidade política.

A ideia de que pesquisadores pudessem prever conflitos civis era revolucionária. Assim, em 2017, quando fui convidada a integrar o grupo, não hesitei. Quase todos os anos, desde então, tenho participado de reuniões e conferências com outros acadêmicos e analistas, nas quais estudamos a instabilidade política no mundo — o potencial colapso da Síria, o futuro de ditadores africanos — e pensamos em maneiras de refinar as possibilidades prognósticas dos dados de que dispomos. Nosso objetivo é tentar prever a violência e a instabilidade em outros

países a fim de que os Estados Unidos possam se preparar melhor para responder a esses eventos.

Durante esse trabalho, porém, percebi algo desconcertante: os sinais de alerta de instabilidade que identificamos em outros lugares são os mesmos sinais que, na última década, comecei a identificar também nos Estados Unidos. Foi por isso que acompanhei o desenrolar dos acontecimentos em Lansing — e o ataque ao Capitólio em janeiro de 2021 — com tanta preocupação. Vi como as guerras civis começam e sei quais são os sinais que as pessoas ignoram. E posso ver esses sinais aparecendo nos Estados Unidos com uma velocidade surpreendente.

O complô de um grupo de milicianos brancos nacionalistas e antigovernistas no Michigan em 2020 é um desses sinais. A guerra civil no século XXI é nitidamente diferente das guerras civis do passado. Os grandes campos de batalha, os exércitos e as táticas convencionais ficaram para trás. Hoje os confrontos são travados basicamente por diferentes grupos étnicos e religiosos, por soldados e milicianos guerrilheiros, que muitas vezes têm como alvo os civis. Os problemas no Michigan, quando examinados com mais atenção, apresentam esses mesmos elementos. O estado está profundamente dividido por linhas raciais e geográficas: duas das suas maiores cidades, Detroit e Flint, são predominantemente afro-americanas, enquanto as áreas rurais são 95% brancas. O declínio econômico do estado criou profundos descontentamentos pessoais, sobretudo entre os moradores da zona rural, levando à raiva, ao ressentimento e à radicalização. O Michigan, além disso, tem uma forte cultura antigoverno, e um número de milicianos maior do que em qualquer outro estado, com unidades prontas para a violência.¹⁵ Não sur-

preende que uma das primeiras tentativas de instigar uma guerra civil no país tenha acontecido ali.

Que uma tentativa de sequestro organizada por um grupo de extrema direita seja considerada um sinal de iminente guerra civil pode parecer ridículo. Mas as guerras civis modernas se iniciam exatamente com justiceiros desse tipo — militantes armados que levam a violência diretamente para o povo. As milícias são agora uma característica definidora de conflitos no mundo inteiro. Na Síria, os rebeldes antigoverno eram uma miscelânea de insurgentes e prisioneiros libertados, combatendo lado a lado com o violento grupo extremista Estado Islâmico. Até mesmo a maior facção rebelde do país — o Exército Livre da Síria — era uma mistura de centenas de pequenos grupos pouco coesos, em vez de uma organização com comando central.¹⁶ A guerra civil ucraniana, agora simultânea ao conflito com a Rússia, é travada por bandidos, comandantes militares, empresas militares privadas, mercenários estrangeiros e insurgentes comuns. O mesmo acontece no Afeganistão e no Iêmen. Acabaram-se os tempos das forças de combate únicas, rigorosamente organizadas, hierárquicas, usando uniformes militares oficiais e armas convencionais.

Os grupos rebeldes de hoje recorrem à guerra de guerrilha e ao terror organizado: um atirador abrindo fogo de um telhado; uma bomba de fabricação caseira enviada pelo correio, detonada num caminhão ou escondida na beira da estrada. É mais provável que grupos tentem assassinar líderes de oposição, jornalistas ou policiais do que soldados do governo. Abu Musab al-Zarqawi, o líder da al-Qaeda no Iraque, organizava ataques a bomba suicidas para matar quem quer que cooperasse com o governo controlado pelos xiitas durante a guerra civil ira-

quiana. Abu Bakr al-Baghdadi, o líder do Estado Islâmico, aprimorou o uso de imensos carros-bombas para atacar o mesmo governo. A principal tática do Hamas contra Israel tem sido atacar cidadãos israelenses comuns em suas atividades diárias.

Os americanos, em sua grande maioria, não conseguem imaginar outra guerra civil no país. Partem do princípio de que a democracia americana é resistente demais, robusta demais para degenerar em conflito. Ou acham que o país é rico e avançado demais para se voltar contra si mesmo. Ou supõem que qualquer rebelião seria rapidamente contida pelo poderoso governo, que não daria chance alguma aos rebeldes. Eles veem o complô para sequestrar Whitmer, ou mesmo a invasão do Capitólio, como incidentes isolados: atos frustrados de um pequeno grupo de extremistas violentos. Mas pensam assim porque não sabem como as guerras civis começam.

PARA ENTENDER COMO OS ESTADOS UNIDOS estão perto de irromper num conflito, precisamos nos familiarizar com as condições que fazem surgir e que definem a guerra civil moderna. É o objetivo deste livro. As guerras civis explodem e se intensificam de maneira previsível; seguem um roteiro. Os mesmos padrões podem ser observados quer olhemos para a Bósnia, para a Ucrânia, para o Iraque, para a Síria, para a Irlanda do Norte ou para Israel. Esses padrões serão explorados nas páginas seguintes: veremos onde as guerras civis tendem a surgir, quem tende a começá-las e o que tende a funcionar como estopim.

Vamos estudar também como *deter* as guerras civis. Para que surja um conflito, é preciso que haja uma série de variáveis

em que uma serve de base para a outra, como os ventos numa tempestade em formação. À medida que passei a ficar cada vez mais assustada com a possibilidade de uma segunda guerra civil nos Estados Unidos, comecei a investir pessoalmente mais tempo e esforço para descobrir o que nós, como cidadãos, podemos aprender com os especialistas sobre como desarmar essas ventanias e tempestades. Esses incidentes ofereceram uma lição a nós, americanos: acreditamos, talvez por tempo demais, que a paz sempre prevalecerá. Que nossas instituições são inabaláveis, que nosso país é excepcional. Aprendemos que não podemos achar que nossa democracia está garantida, que temos de entender nosso poder como cidadãos.

Alguns riscos parecem imediatos, como o ataque de 6 de janeiro ao Capitólio por extremistas de direita que pretendiam impossibilitar a presidência de Joe Biden, ou a politização do uso de máscaras no meio de uma pandemia global. Mas há forças mais profundas atuando, e precisamos estar dispostos a reconhecê-las. Nas últimas décadas, os Estados Unidos sofreram uma mudança sísmica em termos de poder econômico e cultural. Nossos dados demográficos mudaram. A desigualdade aumentou. Nossas instituições enfraqueceram, manipuladas para servir aos interesses de uns em detrimento de outros. Os cidadãos dos Estados Unidos estão cada vez mais cativos de demagogos, em suas telas ou em seu governo. Vemos coisas semelhantes acontecendo em outras democracias mundo afora.

E, enquanto estivemos ocupados com batalhas em torno de caravanas de imigrantes ou da “cultura do cancelamento”, grupos extremistas violentos, sobretudo na direita radical, se fortaleceram. A partir de 2008, mais de 70% das mortes relacionadas a extremistas nos Estados Unidos foram causadas por pessoas

ligadas a movimentos de extrema direita ou de supremacismo branco.¹⁷ Esse crescimento talvez tenha sido imperceptível; os extremistas quase sempre se organizam de forma lenta e clandestina.¹⁸ Os zapatistas do México levaram três anos para chegar a doze pessoas, e mais de seis anos se passaram para que um grupo de trinta adolescentes tâmeis formassem os Tigres Tâmeis do Sri Lanka.¹⁹ Os líderes da al-Qaeda se abrigaram entre tribos no deserto do Mali durante anos, antes de aderirem à rebelião local. Mas agora, ao que parece, as provas estão em toda parte. Os americanos já não se surpreendem ao ver grupos paramilitares fazendo protestos conjuntos e homens armados em comícios. Tornou-se lugar-comum ver bandeiras confederadas à venda em lojas de conveniência na Pensilvânia, ou bandeiras americanas com uma fina linha azul* e as mais variadas insígnias. Começamos a perceber que certos adesivos de para-choque — como círculos de estrelas em torno do numeral romano III, o Valknut, e a cruz celta — não são inocentes. Na verdade, são símbolos de grupos militares americanos de extrema direita, os quais se tornam cada vez mais visíveis, explícitos e perigosos.

Os Estados Unidos são um país especial, mas quem estuda as centenas de guerras civis que surgiram desde o fim da Segunda Guerra Mundial, como eu estudei, compreende que não somos imunes ao conflito. Aqui também há raiva e ressentimento e o desejo de dominar rivais. Aqui também lutamos por poder político para proteger um estilo de vida. Aqui também com-

* Símbolo de apoio à Polícia, passou também a sinalizar oposição ao movimento Black Lives Matter e defesa da supremacia branca ou da causa Blue Lives Matter, assim chamada em alusão à cor do uniforme de policiais. (N. T.)